

# A indústria farmacêutica nacional: panorama atual e desafios à luz da ação do BNDES e outros agentes

Pedro Palmeira Filho<sup>1</sup>

A indústria farmacêutica, fortemente baseada em ciência e tecnologia, apresenta-se como uma forte indutora e difusora de tecnologias avançadas na economia. Além de seu papel indutor das “novas ciências”, o desenvolvimento da indústria farmacêutica parece contribuir de forma positiva para duas variáveis caras a qualquer governo – a econômica e a social.

No Brasil, o investimento em P&D farmacêutico revela-se de forma um tanto quanto tímida. O mercado farmacêutico brasileiro, apesar de figurar entre os dez maiores em nível global, não foi capaz de induzir a presença de uma indústria farmacêutica integrada e com razoável grau de densidade tecnológica. Essa indústria apresenta-se concentrada quase que exclusivamente nas atividades de produção de medicamentos e *marketing*.

Ao longo da trajetória de industrialização brasileira e de toda a cadeia farmacêutica, atividades mais intensivas em tecnologia e em ciência, relacionadas à saúde, não foram incorporadas à atividade industrial. A pesquisa e o desenvolvimento em saúde para prospecção e validação de novos alvos terapêuticos com base no entendimento dos mecanismos das patologias em nível molecular, o desenvolvimento e a produção de insumos farmacêuticos ativos para o “ataque” a esses alvos, seja pela rota da tradicional síntese química ou pela moderna biotecnologia, demandam competências não frequentemente observadas nas empresas e instituições científico-tecnológicas nacionais.

A realidade adversa, contudo, não ofusca a necessidade de o país perseguir o *catch up* no setor farmacêutico. Este se mostra não só como desejável, ao possibilitar maior inserção nacional em

<sup>1</sup> Chefe do Departamento de Produtos Intermediários, Químicos e Farmacêuticos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

atividades de maior intensidade tecnológica e permitir melhorias nos termos de troca a favor do Brasil, mas também como estratégico, visando à redução da vulnerabilidade da política nacional de saúde.

O momento parece ser de encruzilhada. Será ainda possível planejar e colocar em marcha políticas públicas e estratégias empresariais que fortaleçam a competitividade da cadeia farmacêutica brasileira, objetivando ganhos econômicos e sociais para o país? Ou estaria o “jogo” já perdido para a meta de enraizar de vez essa cadeia no Brasil?

Assim, dadas as perspectivas de mudanças na dinâmica da indústria farmacêutica, surgem ameaças, mas também oportunidades para o desenvolvimento dessa indústria no país e para a atuação do BNDES.

As projeções otimistas de crescimento do mercado farmacêutico nos países emergentes, a crescente importância do paradigma biotecnológico como rota para a pesquisa e a produção de novas drogas, as pressões regulatórias e a pressão de governos no intuito de reduzir os crescentes gastos com saúde em países desenvolvidos e em desenvolvimento formam um cenário que já vem provocando alterações no comportamento estratégico das grandes empresas farmacêuticas.

Há fortes indícios de que a biotecnologia é o motor da inovação no desenvolvimento de novos medicamentos. Cerca de um quinto das novas moléculas lançadas no mercado mundial é de origem biotecnológica e, nos últimos anos, as empresas de biotecnologia conseguiram mais aprovações de medicamentos do que as grandes empresas farmacêuticas, apesar de estas últimas terem investido mais em P&D.

Nesse contexto, as empresas farmacêuticas que adotaram a inovação como estratégia têm procurado concentrar esforços na internalização e no fortalecimento de competências dinâmicas, que lhes permitam buscar a sustentabilidade de suas vantagens competitivas, construídas exclusivamente sobre base química, em um cenário em que a biotecnologia cada vez mais se apresenta como paradigma tecnológico para a P&D farmacêutica. Nesse processo, as empresas farmacêuticas prospectam oportunidades em empresas de biotecnologia, que ocorrem tanto nas formas de parcerias e colaborações, quanto via aquisições diretas.

Movimentos de fusão e aquisição, buscando a internalização de capacidades complementares, bem como a captura de sinergias comerciais e em pesquisa já são de longa data conhecidos na indústria farmacêutica global. Contudo, recentemente, corroborando a percepção da moderna biotecnologia como novo paradigma de pesquisa para drogas terapêuticas, esses movimentos parecem demonstrar o interesse das grandes corporações globais em internalizar competências

e *pipeline* em biotecnologia. Em 2009, a aquisição da Wyeth pela Pfizer e do controle da Genentech pela Roche, envolvendo vultosas cifras, são exemplos nessa direção.

Por outro lado, percebe-se, também, um interesse crescente dessas empresas em adquirir ativos em mercados emergentes, ainda que, à primeira vista, a aquisição não pareça incorporar sinergias estratégicas para a adquirente. O mercado brasileiro não vem fugindo ao olhar das grandes corporações.

Assim, a consolidação da moderna biotecnologia como trajetória tecnológica capaz de reduzir o *innovation gap* na indústria farmacêutica, bem como a ascensão dos países emergentes como mercados a serem explorados de forma mais vertical pelas empresas globais, traz o Brasil para uma posição central nessa indústria. O movimento desafia empresários e *policy makers* locais a engendrar ações coordenadas que, de um lado, possam evitar uma desnacionalização e, de outro, consigam induzir movimentos que fortaleçam a indústria farmacêutica brasileira, por meio da internalização de capacidades tecnológicas que permitam a mudança técnica dos sistemas produtivos, garantindo *outputs* sempre próximos à máxima produtividade.

O BNDES, como ator ativo da Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), vem contribuindo para o esforço conjunto de fortalecer o Complexo Industrial da Saúde (CIS) no Brasil, por meio de ações de fomento e apoio financeiro, reembolsável e não reembolsável, via capital ou financiamento, possibilitadas pelo BNDES-Profarma e pelo Funtec. Muito já foi realizado, mas ainda permanecem enormes desafios.

Um deles, possivelmente o maior, constitui-se na indução e no apoio financeiro à atividade inovadora nas empresas farmacêuticas brasileiras. O financiamento, ainda que a um custo significativamente baixo, pode estimular investimentos em inovações incrementais, mas dificilmente vai fomentar inovações mais próximas da radicalidade. Nesse sentido, merecem destaque as seguintes ações já em curso: a subvenção econômica, operacionalizada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia/Finep; o apoio não reembolsável a projetos colaborativos do BNDES, via Funtec; e o estudo para operacionalização de um instrumento de compartilhamento de riscos em torno de um determinado projeto, também por parte do BNDES.

O esforço, contudo, não parece estar concentrado apenas na capacidade de financiamento da inovação. A formação de um ambiente institucional estável e propício à geração de novos produtos parece, também, ser condição necessária para que as empresas farmacêuticas nacionais promovam investimentos de maior risco. Não menos importante é o papel a ser desempenhado pela própria empresa farmacêutica nacional. A estratégia de limitar a empresa a uma “máquina comercial” deveria começar a perder espaço para outras mais ousadas, que envolvam desenvolvimento

de drogas mais eficazes, seja em um esforço interno ou em arranjos colaborativos com instituições científico-tecnológicas ou mesmo com outras empresas.

Permanece o desafio de fortalecer a indústria nacional. Ainda que em número reduzido, algumas empresas nacionais já alcançaram determinado porte e nível de competências que as habilita a almejar a posição de empresas internacionalizadas, com atuação global. Ainda muito longe de poderem competir em condições próximas aos grandes grupos farmacêuticos transnacionais, essas empresas podem, contudo, planejar a entrada em mercados mais desenvolvidos, por meio de aquisições compatíveis com seu porte. A atuação em mercados mais maduros, de maior contestabilidade, poderia ser vista, menos como um movimento de expansão de mercados e mais como possibilidade de atuar onde a oferta científica e tecnológica de fato ocorre, contribuindo, assim, para a internalização mais acelerada de competências tecnológicas e organizacionais.

Os dois principais desafios à atuação do BNDES – inovação e fortalecimento de grupos nacionais – justificam-se pelo esperado aumento da concorrência interna no mercado de genéricos, que deve reduzir, no médio e longo prazo, as margens desse segmento. Para garantir a sustentabilidade das empresas no futuro, torna-se imprescindível o movimento em direção à inovação. Contudo, para sustentar o custo das atividades associadas ao desenvolvimento de novos medicamentos, é necessário um volume significativo de recursos. Empresas com estrutura de capital mais forte serão mais capazes de destinar os recursos necessários para essas atividades.

Por fim, será fundamental, para o processo de construção de uma indústria nacional realmente competitiva, a predisposição dos atores privados e governamentais para a articulação permanente em torno do objetivo de fortalecer e desenvolver o Complexo Industrial da Saúde brasileiro, com destaque para os órgãos de fomento – BNDES e Finep –, para a agência reguladora – a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) –, para os Ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia e, obviamente, para as empresas farmacêuticas nacionais.